

A interseccionalidade nos podcasts de política: uma análise de conteúdo do programa Papo de Política durante a campanha presidencial de 2022¹

Fabrine BARTZ²

Deivison Moacir Cezar de CAMPOS³

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

A pesquisa, ainda em construção, adota a perspectiva de Collins (2020) para compreender como a interseccionalidade se reproduz no *podcast* Papo de Política - um programa apresentado pelas jornalistas da Rede Globo, Andréia Sadi, Julia Duailibi, Maria Júlia Coutinho e Natuza Nery. Por meio da análise de conteúdo e das táticas da interseccionalidade como uma teoria crítica em construção, percebe-se que os novos formatos jornalísticos permitem uma amplitude dos marcadores sociais tanto na diversidade de fontes e apresentadores, quanto as temáticas abordadas.

PALAVRAS-CHAVE: Interseccionalidade; jornalismo; *podcast*; política, gênero.

No período de um ano, mais de 40% dos brasileiros escutaram, pelo menos, um episódio de *podcast* (STATISTA, 2022) - o que coloca o Brasil no terceiro lugar do ranking mundial, atrás apenas da Suécia e Irlanda. Entre os cinco programas nacionais mais ouvidos durante o ano passado, dois são jornalísticos, sendo eles *A Mulher da Casa Abandonada* e o *Café da Manhã*, ambos produzidos pela *Folha de São Paulo* (ALMENARA, 2022). Neste contexto, esta pesquisa recorre à teoria interseccional para refletir sobre o *podcast Papo de Política*, um programa apresentado pelas jornalistas da Rede Globo Andréia Sadi, Julia Duailibi, Maria Júlia Coutinho e Natuza Nery.

¹ Trabalho apresentado na Intercom Júnior – Jornalismo do 22º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 08 a 10 de junho de 2023.

² Jornalista em formação na Escola de Comunicação, Artes e Design – FAMECOS PUCRS, email: fabrine.bartz@edu.pucrs.br

³ Orientador do trabalho. Coordenador e professor de jornalismo da a Escola de Comunicação, Artes e Design - FAMECOS PUCRS, e-mail: deivison.campos@pucrs.br

A programação conta com 119 episódios disponíveis em variadas plataformas de áudio, incluindo o Spotify e o site próprio da Globo News. Os episódios *#119: A carta e o isolamento do presidente* e *#91: Sobrevivência eleitoral*, que antecedem as eleições presidenciais do Brasil em 2022, foram selecionados levando em consideração a periodicidade - último episódio lançado -, e a participação da jornalista Maria Júlia Coutinho, a Maju. Entre as quatro apresentadoras, Maju é a única negra. A escolha do formato podcast para esta análise se deve a dinamicidade de vozes, que evidencia o desafio das apresentadoras durante o processo de superação dos estereótipos sociais associados ao gênero (MORALES; FERREIRA, 2022).

Para Ribeiro (2019), a história do Brasil foi contada apenas sob a perspectiva das mesmas pessoas, homens brancos. Esta realidade evidencia que “o debate sobre o racismo se mostra urgente quando falamos de mídia e de acesso a recursos para produções audiovisuais” (RIBEIRO, 2019, p.73). Na prática do jornalismo, a falta de diversidade se reflete tanto em suas produções, quanto na forma que o exercício da profissão vem pautando a sociedade. O gênero é uma categoria que atravessa todas as instâncias da sociedade e está, inclusive, como determinante das práticas jornalísticas, seja no processo de escolhas das pautas, das perspectivas do campo ou ainda nas relações entre repórter e personagem (LOURO, 2008; VEIGA, 2010). O mesmo ocorre com outros articuladores sociais.

Com o recorte do radiojornalismo, é notório que as emissoras de rádio ainda são limitadas na utilização da interseccionalidade como uma metáfora para a relacionalidade entre raça, classe e gênero. Nesse contexto, embora haja uma crescente conscientização sobre a importância da interseccionalidade na cobertura de questões sociais e políticas, ainda é possível detectar uma limitação em sua aplicação efetiva. A tratar como exemplo, a presença do gênero feminino em todos os programas da faixa nobre tornou-se uma realidade apenas em 2020 (MORALES; FERREIRA, 2022). Em um país em que 51,8% da população é composta por mulheres e 56,2% por negros (PENAD, 2019), o fato de que mulheres estejam transmitindo suas vozes, em horário nobre, por meio do rádio, há apenas três anos ressalta que a equidade de gênero ainda está longe de ser alcançada na sua integridade.

Carreira (2011 apud SANTOS, 2022), argumenta que o espaço midiático é um ambiente de disputa de experiências, que permite que sujeitos subalternizados

reivindiquem o domínio de suas próprias narrativas, desconstruindo valores estereotipados e negativos sobre si próprios. Por isso, “construir suas próprias histórias e expressar interseccionalidades para dentro do jornalismo é uma forma de produção da multiplicidade de diálogos, histórias e identidades” (SANTOS, 2022, p.11).

O feminismo e o antirracismo, assim como a luta de classes, compõem esferas significativas na busca por direitos humanos igualitários. Embora tenham pautas específicas, os três movimentos se conectam a partir de marcadores sociais. Como ferramenta analítica, Collins e Bilge (2020) definem a interseccionalidade como uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas.

Além de diferentes categorias de gênero, raça e classe, a interseccionalidade considera que marcadores como a orientação sexual, a nacionalidade, a capacidade, a etnia e a faixa etária são inter-relacionados e moldam-se mutuamente (COLLINS; BILGE, 2020). Diferentemente dos movimentos políticos e sociais mencionados, a interseccionalidade não parte de um marco temporal único e está em processo de construção.

Nomeada em 1989, pela jurista estadunidense Kimberlé Crenshaw, a interseccionalidade já aparecia em debates sociais nos Estados Unidos, em 1960 (PEREIRA, 2021). No Brasil, Lélia Gonzalez já mostrava preocupação com a interseccionalidade durante seus discursos ao mencionar que as organizações de mulheres excluem as experiências de mulheres negras (CHAVES, 2020). Neste contexto, “a interseccionalidade como um projeto de conhecimento pode resistir às desigualdades sociais na intersecção de sistemas de poder” (Collins, 2022, p.141).

No jornalismo, as perspectivas interseccionais são fundamentais durante o processo de produção de narrativas, principalmente, em pautas que incluam e visibilizam as variadas identidades e que contribuam para uma sociedade menos racista, xenofóbica, machista, homofóbica e transfóbica (SANTOS, 2022). A partir da internet e da fragmentação das redações (DEUZE; WITSCHGE, 2016), foi possível que jornalistas de espaços tradicionais buscassem novas formas de defender um jornalismo ativista, que se posiciona diante das perspectivas interseccionais (FIGARO, 2018a; COSTA, 2018). No radiojornalismo, mesmo com as mudanças nas equipes de produção, Morales e Ferreira

(2022) apontam que a presença do gênero feminino em todos os programas da faixa nobre tornou-se uma realidade há apenas três anos.

A presença de jornalistas mulheres nos programas de política, independentemente do formato apresenta, por si própria, um contexto histórico significativo no desenvolvimento do jornalismo. Assim como as redações tradicionais, a história do radiojornalismo é marcada pela prevalência de apresentadores masculinos. Para Morales e Ferreira (2022), “este padrão radiofônico parece estar se alterando com a presença crescente das mulheres no comando dos programas jornalísticos”. Considerando dois episódios do podcast *Papo de Política*, produzido pelo G1, nota-se que a fala é capaz de transmitir impressões e características pessoais, além de reproduzir estereótipos variados, desde aqueles de ordem social, incluindo o grau de escolaridade e renda, até os biológicos, como tamanho, raça e gênero (MORALES; FERREIRA, 2022).

Com essa perspectiva, “a construção de um jornalismo interseccional é fundamental para olharmos para representações e construções de sujeitos pelas produções jornalísticas, e de que forma esse jornalismo vem pautando a sociedade” (AMARAL; TSUTSUI, 2022). Pois, o campo comunicacional, segundo Castells (2013) e Ugarte (2008), permeia interesses democráticos, lutas de poder e perpassa desigualdades em diferentes sentidos também é defendida por outros comunicadores.

A depender da linha editorial de cada emissora, os programas de rádio, incluindo os podcasts, abordam questões relacionadas à raça, classe e gênero de forma isolada, sem explorar as complexas interações e interconexões existentes entre essas questões. Por vezes, essas relações de poder sequer são mencionadas. Em contrapartida, ao serem contextualizadas, as relações são abordadas separadamente, sem reconhecer as formas como elas se entrelaçam e influenciam mutuamente no dia a dia e nas dinâmicas sociais.

Na prática, é possível identificar essa ideia por meio da criação do Grupo Globo. Fundado em 1925, por Irineu Marinho, as empresas jornalísticas - comandadas por quase oito décadas por Roberto Marinho - agem de acordo com os princípios que as conduziram a posições de grande sucesso. Entre eles, a isenção, a correção e a agilidade (GLOBO, 2011). Ter a isenção como um objetivo consciente e formalmente declarado está presente no primeiro tópico da lista de princípios básicos do grupo, que aborda a diversidade de ângulos diante dos acontecimentos, além da pluralidade dentro das redações.

O portal foi a primeira iniciativa de conteúdo jornalístico da Globo criada especificamente para o digital, embora os telejornais e programas tivessem, em sua maioria, endereços na internet, suas equipes não eram dedicadas à produção de informação exclusiva para os novos formatos digitais. Nessa perspectiva, conclui-se que o Jornalismo Interseccional não precisa estar, necessariamente, vinculado a portais alternativos e se aproveita de suas características que o mercado é capaz de oprimir (CABRAL; WOITOWICZ; ROCHA; AMARAL, 2021).

REFERÊNCIAS

AMARAL, Eloiza; TSUTSUI, Ana Lucia Nishida. A presença feminina na cobertura política e economia nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo (1968 - 1978), Paraíba, setembro de 2022. **Anais...** Paraíba: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2022. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0811202216032762f5527f6bf98>. Acesso em: 14 Mar. 2023.

ALMENARA, Igor. Spotify revela os artistas mais ouvidos em 2022. Canaltech, 2022. Disponível em: <https://canaltech.com.br/apps/spotify-revela-os-artistas-e-podcasts-mais-ouvidos-em-2022-231347/>. Acesso em: 25 mar. 2023.

CABRAL, Lucas Santos Carmo; WOITOWICZ, Karina Janz; ROCHA, Paula Melani; AMARAL, Muriel Emídio Pessoa. Para pensar um jornalismo interseccional: propostas epistemológicas. **Revista Latino-americana de jornalismo**. João Pessoa, v.8, n.2, p.40-59, jul./dez.2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ancora/article/view/60870>. Acesso em: 25 mar. 2023.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, 2013.

COSTA, Jessica Gustafson. **Jornalismo feminista: Estudo de caso sobre a construção da perspectiva de gênero no jornalismo**. 2018. Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, Brasil.

COLLINS, Patrícia Hill. Bem mais que ideias: **A interseccionalidade como teoria social crítica**. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2022.

COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

CONCEITUANDO A INTERSECCIONALIDADE. [Locução de]: Priscilla Schneider, Suelen Vieira e Thatiza Curuci. Entrevistada: Marjorie Nogueira Chaves. [S.I]:

Conceituando a interseccionalidade, set.2020. *Podcast*. Disponível em:

<https://open.spotify.com/episode/5vC4DDWFSCMCCfoFKVCzEy?si=31f44afa4df446f2>

Acesso em: 14 mar. 2023.

DEUZE, Mark; WITSCHGE, Tamara. **O que o jornalismo está se tornando.**

Parágrafo. v.4,n.2, 2016. p.7-21.

FIGARO, Roseli. **O mundo do trabalho das jornalistas: feminismo e discriminação profissional.** In: *Brazilian Journalism Research*, ago, v. 14, p.570-591, 2018a.

GLOBO. Princípios editoriais do Grupo Globo. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em:

<https://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.html>. Acesso em: 25 mar.

2023.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago, 2008. p. 17-23.

MORALES, Tania; FERREIRA, Léslie. **Mulheres no radiojornalismo: mapeamento da presença de vozes femininas em programas jornalísticos de rádio.** *Revista Alterjor*, [S. l.], v. 26, n. 2, p. 111-122, 2022. DOI: 10.11606/issn.2176-1507.v26i2p111-122.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/196887>. Acesso em: 15 ago. 2022.

PEREIRA, B. C. J. **Sobre usos e possibilidades da interseccionalidade.** *Civitas: revista de Ciências Sociais*, [S. l.], v. 21, n. 3, p. 445–454, 2021. DOI: 10.15448/1984-7289.2021.3.40551. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/civitas/article/view/40551>. Acesso em: 9 fev. 2023.

RIBEIRO, Djmila. **Pequeno Manual Antirracista.** 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Letícia de Faria Ávila. **Interseccionalidade no jornalismo: potencialidades do jornalismo com perspectiva de gênero.** 2022. Disponível em: Acesso em: 22 fev. 2023.

STATISTA. **Where podcasts are most popular.** Share of respondents who listened to podcasts in the last 12 months. Disponível em:

<https://www.statista.com/chart/25847/percentage-of-podcast-listeners-around-the-world/> Acesso em: 25 mar. 2023.

VEIGA, Marcia. **Masculino, o gênero do jornalismo: um estudo sobre os modos de produção das notícias.** 2010. 250f. [Dissertação]. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS. Porto Alegre, RS, 2010.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
22º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Guarapuava/PR – 08 a 10/06/2023

UGARTE, David de. **El poder de las redes**: manual ilustrado para personas, colectivos y empresas abocados al ciberactivismo. Edipucrs, 2008.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
22º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Guarapuava/PR – 08 a 10/06/2023